

LEMBRANÇAS DE UMA ESPERA

Ventava muito quando o carteiro passou pela Rua Magnólia naquela tarde de outono, carregando um envelope grande até a casa de número 72. Para qualquer transeunte, o carteiro parecia ser o mais silencioso componente da rua, com seus passos silenciosos e movimentos rápidos e hábeis. Para uma pessoa, porém, os passos pareciam alto-falantes gritando pela calçada. A atenção desses ouvidos não era mera casualidade do destino. Eram resultados de um exercício mental, que memorizara os passos do carteiro. Mesmo que fosse um novo passo a cada dia e que o carteiro fosse diferente, ou que os sapatos do carteiro fossem novos, ou que a sola dos sapatos antigos estivesse gasta, ela sempre reconhecia, ela sempre ouvia. Ouviu também quando a portinha da caixa de correspondências fechou.

O som das portas das caixas de correspondências, assim como os passos do carteiro, para as pessoas comuns, não passam de um coadjuvante, concorrendo com o som dos pássaros, cães, torneiras escorrendo, crianças brincando. Mas para essa ouvinte era diferente. Naquela mesma hora todos os dias, ela só ouvia o carteiro e seus passos e o barulho da portinha da caixa de correspondência.

Havia se habituado a ouvir o mesmo som, e esse som ainda lhe causava o mesmo efeito de quando começara a decorar os dias e as horas da passagem do carteiro.

Se chovesse, ela ainda ouvia. Se ventasse, ela colocava um xale quente nos ombros, e esperava sentada em uma cadeira confortável. Era um momento sagrado.

Qualquer carteiro que passasse por aquela casa, não poderia imaginar que lá dentro, sentada em uma cadeira de balanço, uma mulher acostumara-se com a longa espera.

As árvores que balançavam lá fora não poderiam saber. Os pássaros que voavam alegres e cantavam alegres não poderiam sentir que lá dentro o tempo estava amordaçado, impedido de seguir adiante, parado como que congelado.

A mulher se levantou da cadeira, e continuou seu rito. Enquanto caminhava lentamente de encontro à caixa de correspondência, parecia perdida, tentando se lembrar do motivo de sua espera. Só conseguiu se lembrar que estava ali, porque esperava todos os dias pela passagem do carteiro e pelo barulho da portinha da caixa de correspondência.

Abrindo a pequena porta da caixa, depósito das esperadas cartas, tomou o envelope grande nas mãos e lentamente voltou para o seu santuário, sem olhar para o envelope, sem abri-lo.

A lareira acesa aquecia a sala. As chamas de fogo crepitavam com fúria ao sentirem o vento que a porta aberta trouxe da rua.

A mulher ainda tinha consigo o envelope fechado. Parecia ainda reflexiva de sua posição. Deu um leve suspiro, aproximou-se da lareira e fechou os olhos por um pequeno momento e hesitou por um segundo antes de lançar o envelope ao fogo.

Enquanto o envelope era consumido, ela olhava as pequenas cinzas se formando.

Sentiu uma forte vontade de derramar lágrimas, mas elas não lhe chegaram à face.

Finalmente o fogo cessou, só restaram pequenos vestígios de sua passagem. Do conteúdo do envelope, porém, não restavam sinais. A mulher sentou novamente na cadeira de balanço. Olhou para os ponteiros parados do relógio grande e para a ampulheta, interrompida em sua passagem do tempo. Deixou-se perder por alguns minutos incontáveis, e quase esboçou um sorriso triste. Não podia deixar de ficar atenta, era preciso ouvir os passos do carteiro e o barulho da portinha da caixa de correspondências.